



ANA LAURA DE OLIVEIRA NOGUEIRA

**CONCEPÇÕES DE ESCOLA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA
DE COMENTÁRIOS NO FACEBOOK**

LAVRAS-MG

2020

ANA LAURA DE OLIVEIRA NOGUEIRA

**CONCEPÇÕES DE ESCOLA: UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS NO
FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras – Português/ Inglês e suas Literaturas da Universidade Federal de Lavras, para a obtenção do título de licenciado em Letras – Português/ Inglês e suas Literaturas.

Prof. Dr. Marco Antonio Villarta-Neder

Orientador

LAVRAS – MG

2020

ANA LAURA DE OLIVEIRA NOGUEIRA

**CONCEPÇÕES DE ESCOLA: UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS NO
FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras – Português/ Inglês e suas Literaturas da Universidade Federal de Lavras, para a obtenção do título de licenciado em Letras – Português/ Inglês e suas Literaturas.

Prof. Dr. Marco Antonio Villarta-Neder
Orientador

LAVRAS – MG

2020

AGRADECIMENTOS

Não poderia começar este agradecimento sem reconhecer a importância das políticas públicas educacionais que proporcionaram a mim e a todos demais estudantes esta riquíssima e grandiosa experiência que é a graduação. Iniciarei agradecendo a todas e todos que reconhecem a importância e lutam por uma educação pública para todos neste país, seja a nível básico, seja a nível superior.

Agradeço a todos os professores do curso de Letras por todo profissionalismo, carinho e ensinamentos. Todos tiveram uma grande importância na construção de minha formação e no desenvolvimento deste trabalho.

Quero agradecer ao meu professor orientador Marco Antonio Villarta-Neder por todo empenho, por toda paciência, cuidado, conselhos e acolhimento durante minha trajetória na graduação. Agradeço a oportunidade de participar do grupo de pesquisa GEDISC, grupo que fez toda a diferença na minha formação acadêmica e na minha formação como pessoa. Agradeço aos meus colegas de grupo de pesquisa pelo carinho, paciência, amizade e por todos os momentos de discussão que foram grandiosos e de imensa importância para minha constituição enquanto estudante e pesquisadora.

Agradeço também à professora Helena por tamanho acolhimento, cuidado, empenho e companheirismo, por toda a orientação e confiança durante o tempo que atuei no PIBID sob sua orientação.

Agradeço pela oportunidade de atuar no PIBID e PIBIC, projetos que trouxeram-me um grande amadurecimento acadêmico, trazendo-me inúmeros aprendizados e experiências que farão toda a diferença na minha vida profissional.

Não poderia esquecer de meus grandes amigos que encontrei durante a graduação, entre eles: Silas Custódio, Natália Rodrigues, Laís Gonçalves, Sidilei, Ana Cláudia, Juliani, João Paulo. Agradeço por todos momentos que passamos, pelas parcerias em inúmeros trabalhos, pela oportunidade de construir e partilhar saberes e pelo ombro amigo em todos os momentos difíceis em todo esse tempo de convivência. Agradeço-os também por todo apoio que me deram na realização deste trabalho.

Para finalizar, agradeço à Universidade Federal de Lavras e todos servidores que a compõem por fazerem possível a minha formação.

RESUMO

Este trabalho propõe a analisar, por meio de uma perspectiva bakhtiniana, as concepções de escola materializadas através de comentários de leitores do portal de notícias *El País Brasil* na rede social Facebook. Propõe-se então, analisar comentários presentes em postagens da referida página contendo a matéria *Estudantes de classe média vão à escola pública por economia e para sair da “bolha” social*. A análise feita emprega os conceitos bakhtinianos de tom e enunciado para compreender como se dá o ato enunciativo e como concepções e valorações sobre *escola* são dadas no enunciado através da entonação. Para tal compreensão, foi necessário um estudo sobre a modalização e seu papel na expressão da valoração dos sujeitos.

Foi possível perceber que as concepções de escola permeiam um lugar “tradicional” e demonstram uma concepção de escola como um lugar que prepara pessoas para objetivos pontuais, como por exemplo, aprovação em vestibulares e preparação para o mercado de trabalho. Notou-se ainda que por mais que alguns comentários trouxessem uma noção mais aberta sobre escola, como lugar de diversidade e formação cidadã, há um tom de autoridade que nos alerta para um lugar de discurso onde não acontece a diversidade.

Palavras-chave: Concepções de escola, enunciado, modalizadores, tom, entonação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
Relação eu -outro e enunciado	7
O enunciado em acontecimento: Estudantes de classe média vão à escola pública por economia e para sair da “bolha” social	14
A última postagem do artigo pelo portal El País no Facebook	24
Considerações finais	30
Referências	33

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a interação humana se dá na e pela linguagem. É por meio desta interação que o ser vê a si, ao outro, insere-se nos acontecimentos, situa-se no tempo e história. É por esta interação eu-outro-mundo, dada pela linguagem, que são traçadas as relações humanas. Para que se inicie o entendimento dessas relações é preciso mergulhar em diversos pressupostos e modelos de interpretação histórica, neste sentido, recorreremos ao Círculo de Bakhtin, que concebe a linguagem como algo constitutivamente social.

É pela linguagem que a palavra torna-se território comum, lugar de passagem, ponte entre o eu e o outro, é por meio da linguagem que o ser humano reflete e refrata as relações as quais permeiam sua vida e deste modo, orientam suas atividades sociais. É nas atividades sociais, institucionalizadas ou não, que se formam os tipos relativamente estáveis de enunciado. Estes tipos, constituídos por forma composicional, estilo e tema, são definidos a depender da maneira a qual se dão as relações humanas. Neste sentido, Volochínov (2013) afirma que “para poder observar o fenômeno da linguagem é necessário colocar tanto o produtor quanto o receptor do som e o próprio som numa atmosfera social”. Essa atmosfera humana, faz com que nos relacionemos com outros orientando a eles nossos dizeres, respondendo dizeres passados, respondendo e suscitando respostas a todo momento. Esses dizeres não se manifestam de modo neutro, imparcial, visto que são produzidos por falantes situados em um lugar, tempo, contexto e, também, ideologicamente. Volochínov (2013, p.102) também afirma que “a unidade do ambiente social e a unidade do acontecimento imediato da troca comunicativa são condições absolutamente necessárias para que o complexo físico-psico-fisiológico [...] possa entrar em relação com a língua, a linguagem, e possa tornar-se um fato de linguagem.”.

Visto toda a complexidade das relações humanas, busca-se por meio deste trabalho analisar, à luz dos conceitos de *enunciado* e *entonação* do Círculo de Bakhtin, as concepções de escola que são cultivadas por leitores comentaristas de artigos no portal de notícias El País Brasil. As postagens analisadas contêm a matéria intitulada *Estudantes de classe média vão à escola pública por economia e para sair da “bolha” social*, publicada pela primeira vez no dia 01/07/2017 e compartilhado diversas vezes na página do portal de notícias na rede social Facebook

Relação eu - outro e enunciado

As relações humanas pressupõem, entre vários outros elementos, o eu e o outro. Tais interações se dão pela linguagem e entre consciências individuais que existem como tal quando permeada pelo signo ideológico. Neste sentido:

O signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais. E a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social (VOLÓCHINOV, 2017 a , p. 95).

Vemos então, que a interação pela linguagem se dá por signos, e estes, ao existirem na consciência individual, refletem e refratam posicionamentos, visto que o ser humano, ser social, está sempre posicionado ativamente. Bakhtin (2017 c) ao refletir sobre o excedente da visão estética, afirma que quando se contempla no todo um outro situado fora e diante do eu, os horizontes de ambos não se coincidem. Isto se dá pela insubstituibilidade de nosso lugar no mundo. Assim Bakhtin(2017 c) afirma que nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim; afirma também que é possível reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, porém, só seria possível eliminá-la por completo se fundíssemos em um todo único e tornássemos uma só pessoa. Essa distância entre o eu e o outro é chamado de excedente de visão estética. Ainda segundo o autor, essa distância e excedente de visão são superados pelo conhecimento que constrói um universo único e de significado geral e que este é totalmente independente da posição única e concreta ocupada por um ou outro indivíduo. Petrilli (2019) ao tratar da imagem de si em relação ao outro, traz que:

Os percursos e as modalidades segundo os quais se realizam a autoconsciência e a autoavaliação estão em relação de estreita interdependência com a visão do outro. Mas cada um não pode nunca conhecer diretamente essa visão do outro, mesmo que esteja na presença do outro: também quando estou diante do olhar do outro, o outro é sempre o outro-para-mim. (PETRILLI, 2019, p. 68-69)

Diante destas reflexões, nota-se que o eu pressupõe o outro (e vice-versa), e o outro não pode ser ignorado. E, visto essa dialogicidade é impossível dar acabamento às relações humanas e também impossível que a palavra não perpassa o outro, fazendo alusão, mais uma vez, ao conceito de enunciado. Ainda sobre a relação eu-outro, Bakhtin (2017 a) assegura que tudo aquilo que nos diz respeito, a começar pelo nome, chega do mundo exterior à nossa consciência pelos lábios dos outros e tomamos consciência de nós mesmos através dos outros. É neste momento que a língua passa a integrar a vida e a vida integra a língua, através de enunciados concretos, relativamente estáveis que se concatenam, respondendo enunciados e gerando respostas, dinamizando e permeando as relações sociais. Assim:

Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema de língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes - dos seus e alheios- com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). (Bakhtin, 2017 b, p.:272)

Deste modo, a enunciação pressupõe a existência outros sujeitos e alternância entre eles. Considerados estes pressupostos é possível inferir que há nuances que orientam os discursos. Assim, sobre o enunciado, tem-se que:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta. (Bakhtin, 2017 b, p.: 271)

Tem-se então que, cada enunciado é tido o como uma resposta a enunciados precedentes. Considerando sua natureza dialógica, Bakhtin (2017 b) afirma que o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação e que é impossível definir sua posição sem correlacioná-las com outras posições. Ao pensarmos sobre essas posições nos deparamos com os sujeitos que a ocupam, neste sentido Volóchinov (2017 b):

Efetivamente o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados,e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim

dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. *A palavra é orientada para o interlocutor*, ou seja, é orientada para *quem* é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em casos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc). Não pode haver um interlocutor abstrato, por assim dizer, isolado; pois com ele não teríamos uma língua comum nem no sentido literal, tampouco figurado.(VOLÓCHINOV, 2017 b, p.204-205)

Assim, o enunciado se constitui por meio de outros enunciados e é moldado pela situação e pelo ambiente social, e gera outros enunciados respostas. Volóchinov (2017 b) ainda diz que não importa qual enunciado consideramos, seja ele uma mensagem objetiva ou a expressão verbal de alguma necessidade, como a fome, sua orientação é inteiramente social. Além disso, afirma que o enunciado é determinado de modo mais próximo pelos participantes do evento do enunciado. Esta determinação perpassa os fatores como o excedente de visão estética e o jogo arquitetônico de representações. Volóchinov (2017 b) ainda traz que “a situação forma o enunciado, obrigando-o a soar de um modo e não de outro, seja como uma exigência ou um pedido, seja como a defesa de um direito ou uma súplica por piedade”. O autor ainda assegura que “não importa qual aspecto da expressão-enunciado consideramos, ele será definido pelas condições reais do enunciado e, antes de tudo, pela situação social mais próxima”. É seguindo por esta linha que chegamos ao conceito de *tom*, que veremos mais adiante.

Sobre a relação enunciado - excedente de visão estética e jogo arquitetônico de representações, tem-se:

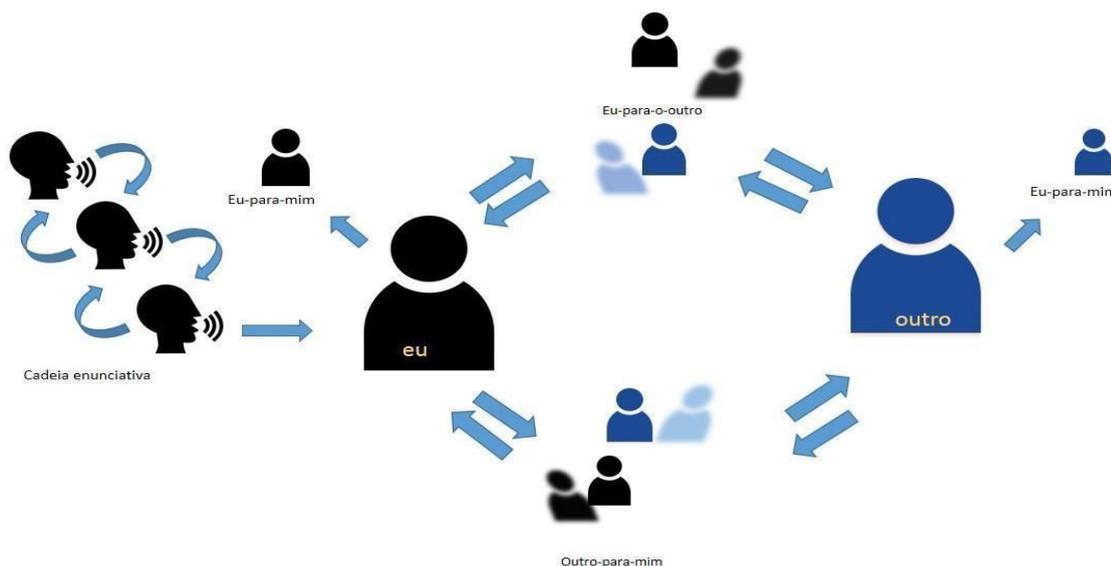


Figura 1 - representação da cadeia enunciativa e arquitetônica elaborada pelo próprio autor.

Fonte: autoria própria

É importante ressaltar que a arquitetônica trata-se de um jogo de representações. Não se pode vivenciar o *eu* externamente, ainda que minha imagem seja refletida para mim (neste caso, a minha imagem se tornaria *outro*). Minha imagem só pode ser vivenciada na categoria do *outro*, e esse outro recebe um excedente de visão pois não se funde ao eu. Para ver-me inteiramente, preciso me deslocar ao lugar do outro. Tem-se então:

Nesse sentido pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria; a memória estética é produtiva, cria pela primeira vez o homem exterior em um novo plano da existência. (BAKHTIN, 2017 c, p. 33)

Assim, o eu em sua autoconsciência vivencia uma fronteira externa, Bakhtin (2017 c) traz que o *eu* está na fronteira do horizonte de sua visão, o mundo visível estende-se à frente do *eu*. Afirma ainda que a consciência de que isso (minha visão interna) não sou eu inteiramente é o coeficiente necessário de toda percepção e representação de minha expressividade externa. Ainda, nas palavras do autor:

A forma do vivenciamento concreto do indivíduo real é a correlação entre as categorias imagéticas do *eu* e do *outro*; e essa forma do eu, na qual vivencio só a mim, difere radicalmente da forma do *outro*, na qual vivencio todos os outros indivíduos sem exceção. O modo como eu vivencio o *eu* do outro difere inteiramente do modo como vivencio meu próprio *eu*; isso entra na categoria do *outro* como elemento integrante, e essa diferença tem importância fundamental tanto para a estética quanto para a ética. Basta mencionar a desigualdade essencial de valores do *eu* e do *outro* do ponto de vista da moral cristã (...). (BAKHTIN, 2017 c , p. 35)

Vivencia-se então o eu de modo inacabado, não podendo vivenciar-me por inteiro, do mesmo modo, não se pode vivenciar o outro. Do lugar que ocupo, partindo de minha visão, o outro está inteiramente em sua imagem externa, que, de certo modo, é possível concluí-la e esgotá-la. Porém de mim para mim, não me esgoto nem concluo. Ao dedicar-se à empatia (contemplação estética/ identificação) com um objeto individual da visão ao vê-lo dentro de

sua própria essência, Bakhtin (1993) afirma que esta, em sua forma pura, em sua total coincidência com o outro é impossível pois, em suas palavras:

“se eu cessasse de ser único, então esse momento do meu não ser nunca poderia se tornar um momento do ser da consciência; o não ser não pode se tornar um momento do ser da consciência- ele simplesmente não existiria para mim, isto é, o ser não se completaria através de mim nesse momento”.

(BAKHTIN , 1993, p.33-34)

Portanto, ao entendermos o vivenciamento do eu e de sua fronteira com o outro nos deparamos com o acontecimento de um diálogo entre o eu e outro. Ao voltarmos a Volóchinov (2017 b ,p. 206) vemos que a situação forma o enunciado (assim como o enunciado delimita a situação) e o obriga a soar de um modo e não de outro. Em continuação a este raciocínio, tratando do discurso interior e exterior, o autor ainda diz que:

O sentido da entonação da sensação de fome dependerá tanto da situação mais próxima de vivência quanto da posição social geral daquele que passa fome. Com efeito, essas condições determinarão qual será o contexto valorativo e o horizonte social em que a experiência da fome será concebida. O contexto social mais próximo determinará os possíveis ouvintes, aliados ou inimigos para os quais a consciência e a vivência da fome irão se orientar, por exemplo, a amargura com a má sorte e o destino infeliz, consigo mesmo, com a sociedade; com um determinado grupo social ou com uma pessoa etc. É claro que essa orientação social da vivência pode possuir diferentes graus de consciência, precisão e diferenciação, porém não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa. (...) (VOLÓCHINOV, 2017 b, p.207-208)

Seguindo por este viés, de que como um enunciado irá soar a depender do auditório social ao qual interajo e de como me coloco em relação a ele, Bakhtin (1993) assegura que:

[...] tudo que tenha a ver comigo me é dado em um tom emocional-volitivo, porque tudo é dado a mim como um momento constituinte do evento no qual eu estou participando. Se eu penso em um objeto, eu entro numa relação com ele que tem o caráter de um evento em processo. Mas essa função do objeto dentro da unidade do evento real que nos abrange é seu *valor real* afirmado, isto é, é seu *tom emocional volitivo*. (BAKHTIN , 1993, p.51)

Vemos então que esse soar de um modo e não de outro está imbricado na relação que se tem com o que relacionamos dentro de um evento real (acontecimento)¹. É nessa relação

¹ Bakhtin utiliza-se de um termo da língua russa que pode ser traduzido como acontecimento/evento, que é a palavra *событие* (sobýtie). Tal palavra designa um processo de as pessoas se reunirem, irem se aproximando, convivendo naquela situação.

que valoramos e nos posicionamos em relação ao outro. Assim em Bakhtin (2017 b) tem-se que:

Um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe. Tanto a palavra quanto a oração enquanto unidades da língua são desprovidas de entonação expressiva. Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra mas um enunciado acabado expresso por uma palavra. (BAKHTIN, 2017 b, p.290)

Assim, temos que a entonação é a marca do posicionamento do sujeito dentro de um enunciado. Sendo impossível haver enunciado sem entonação pelo fato de que um enunciado vem de um sujeito social e histórico e ideologicamente posicionado que ocupa um lugar único em um determinado tempo e espaço; e este se relaciona com os outros e com objetos, posicionando-se em relação a eles, e, deste modo, expressando sua valoração sobre o outro e sobre a si próprio. Cabe aqui acrescentar que Volochínov (2013) afirma que o vínculo entre a enunciação, sua situação e o seu auditório se estabelece, sobretudo, pela entonação. Neste sentido, Bakhtin (1993) assegura que:

“Do mesmo modo, a palavra viva, a palavra completa, não conhece um objeto como algo totalmente dado; o simples fato de que eu comecei a falar sobre ele já significa que eu assumi uma certa atitude sobre ele - não uma atitude indiferente, mas uma atitude efetiva e interessada. E é por isso que a palavra não designa meramente um objeto como uma entidade pronta, mas também expressa, por sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode deixar de ser entonada, porque a entonação existe pelo simples fato de ser pronunciada), minha atitude valorativa em direção do objeto, sobre o que é desejável ou indesejável nele, e, desse modo, coloca-o em direção do que ainda está para ser determinado nele, torna-se um momento constituinte do evento vivo em processo” (BAKHTIN, 1993, p.50)

Para o Volóchinov (2017 c) palavra torna-se um apoio para a entonação. Deste modo, ao enunciar por meio de palavras, o sujeito lança mão de recursos que marcam seu posicionamento. Estes recursos podem ser notados no plano composicional do enunciado. Bakhtin (2017 b) ao tratar da inteireza acabada do enunciado traz que:

Em cada enunciado(...) abrangemos, interpretamos, sentimos a *intenção discursiva* de discurso ou a *vontade discursiva* do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e suas fronteiras. Imaginamos o que o falante *quer* dizer, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado. Essa ideia determina tanto a própria escolha do objeto (em certas condições de

comunicação discursiva, na relação necessária com os enunciados antecedentes) quanto os seus limites e sua exauribilidade semântico-objetiva. Ele determina evidentemente, também a escolha da forma do gênero na qual será construído o enunciado¹ (BAKHTIN, 2017 b, p.281). ²

Deste modo, a vontade discursiva do falante é que determina a escolha do objeto, seu gênero e também suas escolhas lexicais, semânticas e estilísticas. Se um falante, por exemplo, deseja atenuar o que diz ele pode se utilizar de recursos como eufemismo, o que faz com que ele não se coloque de modo incisivo diante dos sujeitos com o qual dialoga e diante daquilo que é dito. Ao contrário, se o falante deseja se mostrar mais incisivo, duro, diante do que fala, ele pode lançar mão de recursos como os modalizadores deônticos³. Segundo Koch (1992) os modalizadores são importantes na sinalização do modo como aquilo que se diz é dito. Ao recorrermos ao dicionário de linguística de Dubois (2001), encontramos a definição de modalizador como:

Chamam-se *modalizadores* os meios pelos quais um falante manifesta o modo como ele considera seu próprio enunciado; por exemplo, os advérbios *talvez, provavelmente*, as intercaladas *pelo que eu creio, conforme a minha opinião*, etc., indicam que o enunciado não está inteiramente assumido ou que a asserção está limitada a uma certa relação entre o sujeito e seu discurso. (DUBOIS, 2001, p. 415)

Vemos então que os modalizadores funcionam como recurso que permite ao falante marcar seu comprometimento com aquilo que é dito. É por meio dos modalizadores que ocorre a modalização, que segundo Dubois (2001), define a marca dada pelo sujeito em seu enunciado. O autor ainda traz que o conceito de modalização permite dar conta da percepção pelo interlocutor do fato de que o orador crê, insiste no que diz. Deste modo ,estas marcas que denotam o comprometimento é que nos permite analisar e perceber o posicionamento do sujeito em relação aquilo que é dito. Ainda segundo Dubois:

A modalização se exprime pela oposição entre uma atitude do falante , que assume (que leva em conta) seus enunciados, e a do locutor, que não assume (que rejeita) parcial ou totalmente seus enunciados. Em Português, o modo do enunciado assumido é o indicativo; o modo não assumido é, também, o indicativo (futuro do pretérito) nas frases diretas, e o subjuntivo

² Foi decidido não utilizar o conceito de Gênero Discursivo neste momento pois optou-se por dar enfoque mais a questões sobre posicionamento do sujeito e menos à circulação destes enunciados nas esferas de atividade humana.

³ Koch (2006) diz que as modalidades deônticas referem-se ao eixo da conduta, à linguagem das normas, àquilo que se deve fazer.

ou futuro do pretérito nas frases indiretas : Pedro virá . Pedro viria porque Paulo veio / ainda que Paulo viesse. (O imperativo direto não exclui o não-assumido). (DUBOIS, 2001, p.416).

Vê-se que a modalização ocorre pela atitude do sujeito que enuncia (que Dubois denomina *falante*) , essas atitudes serão expressas pelas formas verbais como foi exposto. Mas é importante lembrar que não são só as formas verbais que marcam a atitude/posicionamento do sujeito; o autor em questão também afirma que a modalização pode ser indicada por outros meios como advérbios, intercaladas, mudanças de registro (as aspas, na escrita) , entre outros.

Ao pesquisarmos sobre a modalização, encontramos autores como Bronckart, Koch, Neves, Castilho e Castilho, entre outros. É importante ressaltar que estes autores não atuam no campo bakhtiniano, por isso encontraremos ora ou outras abordagens ao conteúdo que destoam da abordagem dada neste e em outros trabalhos que seguem o viés do Círculo de Bakhtin. Koch (2006) ao tratar sobre os modalizadores discursivos traz alguns tipos de modalizadores, o primeiro a ser abordado são os aléticos, ontológicos ou aristotélicos que se referem ao eixo da existência, determinando o valor de verdade de proposições. A autora ainda divide tal modalizador nos eixos necessário, possível, contingente e impossível. Os modalizadores epistêmicos tratam do eixo das crenças e os modalizadores deônticos tratam do eixo das normas e da conduta, referindo àquilo que se deve fazer.

Garcia (2017) ao elencar autores que tratam da modalização traz Castilho e Castilho (2002). Esses autores abordam os modalizadores epistêmicos que se desdobram em asseverativos, quase asseverativos e em delimitadores. Os epistêmicos expressam uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição , assim, os asseverativos são “traduzidos pelo discurso do falante que julga verdadeiro o conteúdo da proposição” e afirma ou nega o este conteúdo de forma a não deixar dúvidas. Os quase asseverativos tratam de algo que o falante considera verdade mas não se compromete e responsabiliza com o valor de verdade na proposição. Os delimitadores, como o nome diz, delimitam o contexto das afirmações e negações.

Ao tratar dos deônticos, Garcia (2017) assinala que Castilho e Castilho(2002) afirmam que estes indicam que o falante considera que o conteúdo de sua proposição como algo que deva ocorrer obrigatoriamente. Sobre modalização afetiva, os autores destacam que estas sinalizam as reações emotivas do falante em face do conteúdo de sua proposição, deixando de

lado considerações de caráter epistêmico ou deôntico. Os modalizadores afetivos se dividem em subjetivos, “expressam uma predicação dupla, a do falante em face de P e da própria proposição” e em intersubjetivos “expressam uma predicação simples, assumida pelo falante em face de seu interlocutor”. Assim, os modalizadores subjetivos assinalam a valoração do falante frente a um dizer que por si só já valora algo, e os intersubjetivos expressam a valoração do falante frente a um outro falante.

Seguindo este raciocínio, e não nos desprendendo do campo bakhtiniano, as escolhas lexicais semânticas e estilísticas (que abrangem a modalização) articulam-se ao conceito de entonação. Vejamos a seguir:

Não esqueçamos que a entonação é, sobretudo, a expressão da valoração da situação e do auditório. Por este motivo, cada entonação necessita de palavras que lhe sejam correspondentes - que se adaptem- e indica, assinala, a cada palavra, o posto que deve ocupar na proposição, proposição na frase, a frase na enunciação completa. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 176-177)

Bakhtin (2017 b) ao introduzir o conceito de enunciado afirma que este é formado por conteúdo temático, estilo (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e construção composicional. Ao pensarmos sobre o conceito de tom, que é a expressão da valoração, que necessita de palavras que lhe sejam correspondentes, percebe-se que há uma relação entre a forma composicional e o estilo na formação da entonação.

O enunciado em acontecimento: *Estudantes de classe média vão à escola pública por economia e para sair da “bolha” social*

Tendo em vista as reflexões anteriormente feitas, pode-se entender que o sujeito vivencia a si e ao(s) outro(s) por meio de representações e que essas relações são permeadas por enunciados relativamente estáveis. Esses enunciados têm como traço essencial o seu direcionamento a alguém, ou seja, seu endereçamento (Bakhtin, 2017 b, p. 301). Seguindo por este viés, retomamos o objetivo deste trabalho com a análise de uma série de matérias

postadas pelo jornal *El País Brasil* em sua página no Facebook⁴. O artigo em questão é denominado *Estudantes de classe média vão à escola pública por economia e para sair da “bolha” social* e foi postado no site oficial do jornal, sendo o link deste compartilhado na sua página do Facebook, o que gerou interações com seguidores da página. É importante ressaltar que essa mesma matéria foi postada pela primeira vez na página dia 01 de julho de 2017 e foi repostada outras cinco vezes em datas diferentes (29 de setembro de 2017, 2 de janeiro de 2018, 21 de agosto de 2018, 24 de novembro de 2018 e dia 7 de abril de 2019) gerando interações diferentes. Veja a seguir:



Figura 2 : Captura de tela da primeira postagem da matéria.
Primeira postagem da matéria. Fonte: EL PAÍS Brasil, Facebook

⁴ Visto que as redes sociais configuram-se como um espaço de interação discursiva, onde sujeitos situados sócio, histórico e culturalmente se posicionam, viu-se a rede social em questão como um espaço passível de análise de posicionamentos desses sujeitos. Neste sentido tem-se a atmosfera social, citada por Volochínov (2013).



Figura 3: Captura de tela da segunda postagem da matéria
Segunda postagem da matéria. Fonte: EL PAÍS Brasil, Facebook

As chamadas variam conforme a data em que foram postadas, porém nota-se que em seis postagens há apenas dois textos diferentes, sendo o das postagens dos dias 2/01/2018, 24/11/18 e 07/04/2019 quase o mesmo texto da primeira postagem, sendo acrescentado, porém, uma hashtag, “ Crise e busca por ambiente escolar mais diverso faz famílias desistirem da rede privada. Em SP, número de alunos que migrou para a rede pública subiu 25% em cinco anos #arquivoelpais”. E sendo o das postagens dos dias 02/09/2017 e 21/08/2018 :

Do final do ano passado para o início deste ano, 220.767 estudantes matriculados na rede estadual de São Paulo vieram da rede privada, um número 25,8% maior do que os que fizeram a mudança há cinco anos (175.404). Alguns saíram por pura ideologia. Outros, também pela dificuldade de, em plena crise econômica, pagar mensalidades #arquivoelpais (Facebook, 02/09/2017 e 21/08/2018)

Percebe-se aqui que as várias postagens recebem comentários diferentes por parte do portal de notícias *El País Brasil*. Ao acessar a notícia e sermos encaminhados para a postagem no site, pode-se perceber que a chamada traz elementos do título auxiliar e do corpo da matéria; estratégia esta comumente utilizada para chamar a atenção dos leitores. É possível também perceber que a interação com a postagem na página cresce à medida que a matéria é repostada. Nota-se que há um possível aumento na popularidade e alcance do perfil na rede social.

Ao tratar do título da matéria, o portal faz algumas escolhas que nos assinalam alguns pontos importantes de análise. Vê-se que o agente da ação são estudantes que são situados dentro da classe média; infere-se então que a ação não parte da família do estudante, que possivelmente está sob responsabilidade de seus tutores. Ao destacar os motivos têm-se os termos “economia” que nos direciona a pensar em uma crise financeira e também a expressão “bolha social” que nos direciona a pensar em um movimento politicamente orientado, coisas que dialogam com o momento de crise e maior articulação política vividos nos últimos tempos (2015, atualidade). A instituição El País Brasil, ao definir tal temática e termos para a chamada da matéria vê seus leitores como interessados em questões políticas e financeiras e vê o momento atual como propício para tal abordagem. Entende-se isso a partir de Bakhtin (2017 b, pág: 302):

Ao construir o meu enunciado, procuro defini-lo de uma maneira ativa: por outro lado, procuro antecipá-lo, e essa resposta antecipável exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado (dou resposta pronta às objeções que prevejo, apelo para toda sorte de subterfúgios, etc.). Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias - tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. (BAKHTIN, 2017 b, p. 302).

É presumindo as possíveis respostas que a instituição (e os leitores, como veremos adiante) se posiciona e marca seus posicionamentos ao redigir a matéria. Neste presumir estão incorporadas as concepções do possível leitor (do outro) - quem ele é, em quais temas se interessa, qual seu posicionamento político ideológico- e também se presume as possíveis

imagens do eu (do portal , neste caso) que o outro (leitor) tem - é confiável, tem um posicionamento político semelhante ou oposto ao meu, produzem matérias relevantes, etc.

É no acontecimento da leitura que o posicionamento do leitor encontra o posicionamento da instituição. Estabelece-se então uma relação dialógica, onde entra em cena o jogo de representações e os enunciados se confrontam, provocando respostas. Bakhtin (2017 d) diz que dois enunciados alheios confrontados, que não se conhecem e toquem levemente o mesmo tema (ideia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum.

Um ponto importante a ser ressaltado é o de que matérias jornalísticas publicadas em rede social podem ou não serem lidas em sua totalidade. Não pode-se ignorar que muitas respostas são geradas apenas pela leitura da postagem contendo a manchete (ou título) e o título auxiliar. Observa-se também que a interação nas redes sociais, como o Facebook, pode-se dar em relação a um comentário e outro, não se dirigindo exatamente ao portal que publica a notícia, mesmo participando de um acontecimento promovido por esse mesmo portal; mas é importante ressaltar que, ainda que não se dirija uma resposta à página, sua representação ainda permeia o acontecimento e reflete na interação do leitor- página - outros leitores.

Considera-se aqui que existe uma relação enunciativa (no sentido de aludir a um enunciado anterior e provocar um posterior) entre a postagem no Facebook , a chamada da matéria e a matéria publicada no portal ; assim, cada leitor poderá fazer o movimento seja de ler a chamada e comentar ou de ler a chamada, a matéria e comentar. Deste modo, ao ler-se a matéria completa adiciona-se elementos na cadeia enunciativa de cada ser único leitor-autor. Para tentarmos entender os possíveis caminhos da cadeia enunciativa, vejamos a imagem abaixo:



Figura 4 : possíveis movimentos de leitura.
Fonte: autoria própria.

Estes são os possíveis movimentos de leitura do comentarista da postagem. Porém, cabe ressaltar que estas são possibilidades, sendo impossível saber por meio dos comentários selecionados qual foi o movimento de leitura. Há também movimentos possíveis de acontecer que não foram encontrados na postagem na rede social, estes movimentos configuram-se pela leitura da chamada postada na rede social, um comentário resposta a ela que suscita resposta de outros seguidores da página. Estes movimento relaciona-se com a cadeia enunciativa que é possível “traçar” com os elementos elencados, porém não resume-se somente a isto; cada leitor/autor traz consigo outros enunciados anteriores, que ao serem “confrontados” com o enunciado “chamada no Facebook” e “Matéria” e “demais comentários” suscitam novos enunciados. Outro ponto importante a ser considerado é que este trabalho também configura-se como *resposta* aos comentários e à postagem dentro de uma cadeia enunciativa.

Incorpora-se também a este raciocínio, o fato de que o movimento de ler ou não a matéria, ler ou não os demais comentários, ler ou não a chamada em sua totalidade, configura-se também como um ato responsivo e como um elo na cadeia enunciativa, que é única para cada ser que interage com a página. Essa visão pode ser relacionada com a análise que Bakhtin faz de enunciado. É importante lembrar que alguns destes atos/ respostas ao

enunciado anterior atuam somente na esfera do eu, não sendo exteriorizadas, sendo assim, impossível sabermos e analisarmos.

Sobre esses momentos Bakhtin (2017 b , p.: 289) assegura que todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e é uma posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Adentrando esta questão, tem-se que:

Em realidade, a questão é bem mais complexa. Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada si a si mesmos, uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo(...). (Bakhtin, 2017 b , p. 297)

Cada movimento feito pelo autor/leitor contém ecos e ressonâncias de outros movimentos/enunciados. Esses ecos e ressonâncias, juntamente com a atitude responsiva e posicionada do autor/leitor irão delimitar e mostrar-nos o “caminho” traçado pela corrente de enunciados, mostrando assim o posicionamento daquele que enuncia. Bakhtin (2017 b), em sua teoria sobre o enunciado, afirma que cada enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma questão ou assunto, etc; afirma ainda que é impossível alguém definir sua posição sem correcioná-la com outras posições; portanto, a existência do *outro* torna-se essencial para a existência e delimitação da posição do *eu*. Ainda neste sentido, afirma que cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva.

Na primeira postagem da matéria, no dia 01/07/2017, percebe-se alguns comentários como os seguintes:

Comentário 1:

Tanta gente comentando em jogar o filho em escola pública. Nunca vi uma vontade tão grande de ferrar com a vida acadêmica dos filhos por uma ideologia "humanista". Meus caros, quem dera eu pudesse ter feito, pelo menos, uma particular no Ensino Médio, porque a escola pública destruiu minhas chances de ter um bom vestibular, sendo que depois, diferente dos filhos de vocês, não tive a oportunidade de fazer cursinho e "correr atrás" do prejuízo. (Facebook, 01 de julho de 2017)

Comentário 2:

O povo tem que entender que a escola pública é para o povo. O povo independente de classe social, porque as escolas públicas são custeadas (sic) com o dinheiro do povo. Por isso o povo tem que se unir e brigar para que o estado ofereça um ensino qualidade para todos! O povo tem que entender que o objetivo dos nossos governantes é acabar com o ensino público, para que haja mais pessoas ignorantes no país, para que fique brigando umas com as outras e esqueçam deles. Assim eles podem agir a revelia. (Facebook, 01/07/2017)

Percebe-se que há uma dicotomia escola particular - escola pública. Há um confronto entre o posicionamento do jornal e o posicionamento de alguns leitores. As marcas trazidas pelo jornal apontam a diversidade e também a economia como motivo motor da migração de estudantes da escola particular para a pública. Ao mobilizar nosso conhecimento de mundo, é possível constatar que, em meio a diversos posicionamentos, existe uma visão positiva à diversidade e à economia (no sentido de conter gastos financeiros). Há uma busca, pelo menos por alguns grupos de pessoas, por abranger e aceitar a diversidade. Portanto, ao escolher utilizar tais termos, o jornal marca seu posicionamento, visto que tais escolhas refletem o lugar de onde ele fala.

No primeiro comentário vê-se “Tanta gente comentando em jogar o filho em escola pública. Nunca vi uma vontade tão grande de ferrar com a vida acadêmica dos filhos por uma ideologia "humanista". Ao utilizar o verbo *jogar* e marcar “o filho” (estudante) como aquele que recebe a ação, vê-se que a pessoa que comenta se posiciona em um lugar diferente a do portal, pois este traz a ação de mudar de escola como algo que parte do estudante.

Nota-se também a diferença de sentido tida entre os verbos “ir” (Estudantes... vão à escola pública) e “jogar” (*jogar* o filho em escola pública); sabemos que *jogar* não é um verbo comumente utilizado para designar a ação de matricular o filho na escola. Esta escolha causa um estranhamento visto que não é esperada neste contexto. Por meio deste estranhamento é possível perceber que há uma crítica à ação, o que nos mostra um tom de desaprovação ao ato de estudantes estarem indo da escola particulares para a pública.

Ao pensarmos ainda sobre o verbo *jogar* em nossa língua, vemos que alguém (pessoa) é normalmente o agente do verbo e não usado como aquele que recebe a ação de ser jogado. Joga-se alguma coisa em algum lugar. Visto que o lugar que recebe a “coisa” é uma escola

pública, infere-se que o leitor vê o lugar como algo que não é o “lugar de pessoas”. Marcando mais uma vez seu tom de descrédito pela escola pública.

Nota-se que as aspas em *humanista* rearranja seu sentido, ao escolher marcar a palavra com aspas, o autor marca uma ironia, denotando um sentido contrário ao esperado. Esse tom irônico fica ainda mais marcado ao levarmos em conta o termo *ferrar* (se é humanista não se espera a ação de *ferrar* por parte desta instituição). Estas escolhas lexicais e sintáticas nos levam a entender que na visão do comentarista a escola pública não atende a princípios verdadeiramente *humanistas*.

Além dos pontos expostos, o autor coloca a escola pública como sujeito-agente do verbo *destruir*, que age sobre as chances de se ter um bom vestibular. Vê-se então uma personificação da instituição, sendo que a ação ressaltada é contra um resultado socialmente tido como bom. Mais uma vez comprova-se o tom de reprovação em relação à escola pública.

Ainda neste comentário, a expressão “nunca vi” situa o sujeito no discurso, agindo como um modalizador. Ao utilizar o verbo *ver* na primeira pessoa do singular no pretérito perfeito, o autor se coloca como agente da ação; além de agir ele coloca que essa “vontade de *ferrar* com a vida acadêmica do filho em prol de uma ideologia humanista” é algo novo em relação a tudo aquilo que ele já viveu, e deste modo algo absurdo. Podemos analisar a expressão “nunca vi” como uma interjeição. Se pensarmos no uso social da expressão vemos que é uma marca de indignação do sujeito em relação a algo, o que denota um tom de indignação em relação a algo. Ainda levando em consideração a expressão como uma interjeição, podemos ainda pensar a expressão como uma reação emotiva, sendo assim uma modalização afetiva.

Ao retomarmos a análise do verbo *vi*, em “nunca vi”, e pensarmos sobre o papel dos verbos na marca do posicionamento do sujeito, percebemos que os tempos verbais também atuam como marca de modalização. Koch (1992) ao embasar na classificação dos tempos verbais de Weinrich⁵ diz que “em nossa língua, o pretérito perfeito simples é extremamente frequente, tanto em textos do mundo comentado, como do mundo narrado”. A autora afirma que, segundo Weinrich, no mundo comentado o “locutor compromete-se com o que enuncia” e assim “há uma adesão máxima do locutor ao seu enunciado”. No mundo narrado, a atitude

⁵ A noção de enunciado adotada neste trabalho difere da noção de enunciado de Weinrich.

do autor é *distensa* e ele *se distancia de seu discurso*.⁶ Ainda seguindo este raciocínio, Koch (1992) afirma que em nossa língua, o pretérito perfeito simples pode estar presente nos dois “mundos”, sendo que no mundo narrado ele é o *tempo-zero, tempo-base, sem perspectiva*. E no mundo comentado o pretérito perfeito tem valor retrospectivo, com relação presente.

Percebe-se assim, pela análise feita, que a entonação do autor do comentário é de reprovação em relação a esse movimento de ir da escola particular para a pública. Além disso tem-se a expressão “quem dera eu pudesse ter feito, pelo menos, uma particular no Ensino Médio”, neste dizer o autor entona arrependimento ao utilizar “quem dera” e utiliza o pretérito perfeito no modo subjuntivo na forma “pudesse ter feito” expressando uma frustração/lamentação por não ter um desejo realizado; mais uma vez modalizando, ou seja se inserindo no discurso por meio de marcas linguísticas; o que nos mostra que sua concepção de escola é a de que deve ser um lugar que prepare os alunos para passar em vestibulares e não como um espaço público, inclusivo e universal.

O segundo comentário selecionado enfoca o fato da escola pública ser para todos. Nota-se que a repetição do termo povo marca uma reiteração do posicionamento do autor. Na primeira frase do comentário é possível perceber que o autor deixa claro que *o povo* não reconhece seus direitos e marca a necessidade de reconhecê-los:

O povo tem que entender/ que a escola pública e para o povo.

Tem-se no comentário analisado: “O povo **tem** que entender que a escola pública e para o povo”; neste caso a modalização se dá pelo verbo *ter* + conjunção *que* + verbo *entender*, formando assim uma locução verbal. Esta se trata de uma modalização deontica. O sujeito coloca-se como alguém que por algum motivo vê-se no lugar de quem já sabe/entende sobre o que se diz e acredita que o outro deva, assim como ele e por ordem dele, entender o mesmo; sendo sua crença tratada como uma verdade única. Nota-se assim que o comentarista vê-se em posição superior ao seu ouvinte, considerando que o uso do deontico vem da esfera das normas, regras e do campo da obrigação.

Ao refletirmos sobre o posicionamento do sujeito ao utilizar-se do deontico em seu enunciado, podemos pensar que ele coloca-se em uma posição vertical superior a seu interlocutor. Esta posição nos remete a um lugar de poder e autoridade em relação ao outro.

⁶ É importante lembrar que o autor sempre está posicionado, ainda que selecione recursos que o façam parecer distante e descomprometido com o que é dito. Caso seja necessário retome à citação BAKHTIN, 1993, p.50, localizada à página 12 deste trabalho.

Temos então um tom autoritário. Ao pensarmos sobre o que ele fala, vemos que ele acredita que a escola deve ser pública; temos então uma junção de posição autoritária e posicionamento diferenciado dos demais acerca do assunto. Assim, podemos concluir que ainda que o autor do comentário tenha um posicionamento mais “progressista”, ele ainda enuncia de um lugar conservador e autoritário, o que é mostrado pela sua entonação.

Outro ponto que destaca neste comentário é a expressão *o povo*. O artigo definido, neste caso atua como um índice de generalização do sujeito, ou seja, não especifica quem é esse povo. Esta escolha também demonstra que o autor do comentário se coloca em outra posição, diferente de seu ouvinte. O que complementa o que foi exposto sobre o autor se ver em um lugar superior ao seu ouvinte e em um lugar de autoridade.

O posicionamento sobre o ensino é mais explícito quando há a afirmação “Por isso o povo tem que se unir e brigar para que o estado ofereça um ensino qualidade para todos.”. Vê-se então três movimentos : entender, unir e brigar. Esses movimentos visam um resultado: o estado oferecer um ensino de qualidade. Logo o autor marca que não há um ensino de qualidade pela rede pública, porém não marca predileção pela escola particular, ao contrário dos outros comentários vistos.

Ainda neste comentário, vemos uma modalização asseverativa. O autor do comentário julga como verdadeiro aquilo que é dito : “O povo tem que entender que o objetivo dos nossos governantes é acabar com o ensino público”.

A última postagem do artigo pelo portal El País no Facebook

Seguindo a presente análise, foi decidido trabalharmos com a primeira postagem do artigo feito pelo portal E País Brasil no Facebook e com a última postagem. Esta decisão se deu para podermos analisar se há uma mudança em relação às concepções de escola apresentadas por leitores do portal e para analisarmos um possível deslocamento do posicionamento inicial dos leitores ou não. Para isto, vamos analisar a postagem do dia 7 de abril de 2019.



Figura 5: Captura de tela da última postagem da matéria.

Última postagem da matéria. Fonte: EL PAÍS Brasil, Facebook

A postagem em questão traz o seguinte texto :

“Crise e busca por ambiente escolar mais diverso faz famílias desistirem da rede privada. Em SP, número de alunos que migrou para a rede pública subiu 25% em cinco anos [#arquivoelpais](#)”

Percebe-se que não há grande variação no número de comentários entre a primeira postagem e a última. Foram selecionados os seguintes comentários:

Comentário 1:

Estranho ver várias pessoas julgando, deduzindo os motivos dessa transição. Parem para pensar no quanto isso pode ser positivo para a sociedade. Não importa se eles tem ou não condição de pagar o ensino particular, se é para usar cotas etc. A partir do momento que pessoas mais instruídas participam dos serviços públicos, podemos elevar a qualidade, o debate. Podemos formar futuros profissionais com mais conhecimento da realidade do país. (Facebook, 07 de abril de 2019)

Comentário 2:

Por escolha ou por necessidade a migração é benéfica, elevará a cobrança sobre as escolas e governos e, indiretamente, melhorará sua performance e reduzirá o efeito bolha q (sic) existe na sociedade desde sempre, onde as camadas mais ricas pouco se misturam com remediados e pobres.(Facebook, 07 de abril de 2019)

Ainda que haja um espaço temporal entre a primeira postagem e a última, vê-se que ainda há uma dicotomia entre a escola pública e a escola particular. Porém nota-se um movimento diferente em grande parte dos comentários que podem ser ilustrados por estes selecionados. A escola pública não é explicitamente caracterizada como ruim e que não garante uma formação adequada a seus alunos, porém ainda há vozes deste discurso nos comentários selecionados.

O autor do comentário 1 inicia seu dizer mencionando os outros comentários da publicação, porém não se dirige diretamente a nenhum⁷. Neste mesmo dizer ele marca seu posicionamento em um lugar outro em relação aos demais, principalmente quando diz que é estranho ver várias pessoas julgando e deduzindo o motivo da transição de alunos da escola particular para a pública.

Ao continuar seu comentário, o autor 1 se vale dos deônticos para expor sua opinião sobre o movimento relatado pelo artigo postado pela página ao dizer *parem para pensar* . Como foi supracitado os deônticos vem da esfera das normas, campo da obrigação e das regras , assim, o autor se coloca em uma posição superior a seus ouvintes ao ditar-lhes um modo de agir. Há aqui um tom autoritário. Ainda nessa linha, o autor coloca que o movimento é positivo para a sociedade. O que demonstra um tom assertivo. Mais uma vez, é possível perceber que o autor coloca-se uma posição diferenciada dos seus interlocutores (*Parem para pensar no quanto isso pode ser positivo para a sociedade*).

Em sequência o autor afirma que não importa se eles tem ou não condições de pagar o ensino particular , se é para cotas ou outros motivos. Neste momento, o autor coloca-se em uma posição acima a seu interlocutor ao usar a expressão não importa. Nota-se aqui um apagamento dos argumentos dos outros leitores. É ainda possível notar uma desconsideração à esses motivos em função de um outro que será colocado mais adiante. Assim, ele insere mais

⁷ Este movimento de leitura está exemplificado no exemplo 2 da figura 4 presente neste trabalho.

um argumento ao dizer que *a partir do momento que pessoas mais instruídas participam dos serviços públicos, podemos elevar a qualidade, o debate. Podemos formar futuros profissionais com mais conhecimento da realidade do país.* Neste momento vê-se que há uma relação de encadeamento marcada por uma relação temporal:

A partir do momento podemos

Logo, nota-se uma relação de dependência entre um acontecimento e outro:

Pessoas mais instruídas participam dos serviços públicos → elevar a qualidade, o debate.

Koch (2012) ao tratar sobre coesão sequencial, diz que o encadeamento permite estabelecer relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados ou sequências maiores do texto que podem ser obtidas por justaposição ou conexão. Nas relações de conexão, a autora traz a relação de temporalidade, que, através da conexão de duas orações, localizam-se no tempo relacionando-se uns aos outros, ações, eventos, estados de coisas do “mundo real” ou a ordem em que se teve percepção ou conhecimento deles. No caso analisado, vê-se que o uso da expressão “a partir do momento” introduz uma relação de conexão entre um acontecimento e outro.

A relação aqui analisada mostra então que com a ida de pessoas mais instruídas para a serviços públicos a qualidade e o debate podem ser elevados. Visto que a postagem trata de estudantes de classe média que estavam na escola particular, conclui-se que o autor adjetiva os estudantes de classe média, de escolas particulares como mais instruídos. Ao colocar que só a partir deste momento é que se pode elevar a qualidade e o debate, vê-se que o autor coloca a escola pública como algo que será melhor com a ida de estudantes da rede privada. Fica claro então o prestígio dado pelo autor às escolas particulares e a concepção que a escola pública não tem a mesma qualidade que as particulares, sendo então inferior, visto que a qualidade e o debate nela existentes serão melhorados pelos estudantes vindos da escola privada.

Para terminar o comentário o autor ainda coloca que *podemos formar futuros profissionais com mais conhecimento da realidade do país.* A primeira questão é ser ressaltada aqui é que o autor não coloca a formação cidadã em destaque e sim a formação

profissional. Ao consultarmos a LDB⁸ (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) , vemos que no artigo 2º a educação tem por finalidade *o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho*. Desta forma, vê se que o comentarista opta apenas por ressaltar a formação profissional, o que pode nos indicar que em sua concepção a escola tem por finalidade apenas qualificar pessoas para o ambiente de trabalho.

Outro ponto interessante é o uso do verbo *poder* pelo autor do comentário. Esta forma do verbo traz uma ideia de maior engajamento. Se pensarmos na frase explicitando o sujeito *nós: nós podemos*, vemos que há mais uma vez um tom assertivo por parte do autor. Mostrando mais uma vez o seu colocar-se em uma posição “superior” à de seu ouvinte.

No comentário 2 tem-se um movimento semelhante ao comentário 1; o autor também assinala a migração como algo benéfico. Tem-se então um tom assertivo e favorável à migração em ambos comentários. É importante ressaltar que no comentário 2 o autor quando afirma sobre a migração utiliza o verbo *ser* no presente do indicativo. Sobre os tempos verbais e atitude do falante, Koch (2012) ao tratar da recorrência de tempo e aspecto verbal⁹ ao trabalhar a coesão sequencial, recorre a Weinrich (1964,1971) e afirma que:

Existem, segundo ele, dois tipos de atitude comunicativa: comentar e narrar. Cada língua possui tempos verbais próprios para assinalar a atitude comunicativa: os tempos do comentário conduzem o ouvinte a uma atitude receptiva tensa, engajada, atenta; os do relato, ao contrário levam o ouvinte a assumir uma atitude receptiva relaxada, não lhe exigindo nenhuma reação direta. Em português, são tempos do mundo comentado o *presente do indicativo*, o *pretérito perfeito* (simples e composto), o *futuro do presente*; e tempos do mundo narrado, o *pretérito perfeito simples*, o *pretérito imperfeito*, o *pretérito perfeito mais-que-perfeito*, e o *futuro do pretérito indicativo*. (KOCH, 2012,p.57-58).

Vemos então que a escolha lexical do verbo *é* no presente do indicativo mostra uma atitude tensa, engajada e atenta. Logo,há aqui uma forte marcação de posicionamento do autor

⁸ BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996 (disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)

⁹ Retome à análise do comentário 2 da primeira postagem caso seja necessário. Em ambos artigos (1992 e 2012) Koch embasa-se em Weinrich para analisar os tempos verbais e sua relação com a atitude do sujeito que enuncia e dos possíveis interlocutores.

a respeito deste movimento relatado no artigo. A escolha deste verbo marca também um tom assertivo em relação à migração.

Dando seguimento ao comentário, o autor diz que a migração elevará a cobrança sobre as escolas e governos. Temos assim, uma sequenciação temporal dos fatos, que revela que a migração fará com que haja uma maior cobrança sobre escolas e governos. Neste momento não há clareza sobre qual parcela da sociedade agirá fazendo com que a cobrança se eleve. Porém, visto que o deslocamento é de alunos da rede privada para pública, haverá um maior contingente de pessoas nesta rede, o que mostra que os alunos vindos de escola particular farão com que cobrança se eleve, coisa que, segundo a escolha feita pelo autor na expressão temporal do comentário, mostra que alunos de escola pública não promoviam uma cobrança elevada sobre escolas e governos. Esta escolha marca um tom de descrédito à escola pública além de marcar uma valoração negativa aos alunos dela.

Prosseguindo seu comentário, o autor afirma que essa cobrança indiretamente melhorará a eficiência da escola pública, reduzindo o efeito bolha que existe na sociedade desde sempre. Ao continuar ele caracteriza o efeito bolha como algo onde as camadas mais ricas pouco se misturam com remediados e pobres. Assim, é possível entender que o comentarista concebe a escola pública como um lugar que carece de melhor *performance*; que uma cobrança, promovida pela ida de alunos de escolas particulares à pública, melhoraria a escola e também reduziria o “efeito bolha” que segundo ele seria a segregação social. Percebe-se então que a escola, neste caso atuaria como um lugar que reduziria o distanciamento social entre ricos e pobres, em um sentido de convivência. Vê-se então a escola como um lugar de interação. Porém, nota-se que somente a cobrança de pessoas consideradas ricas faria a performance da escola melhorar. Neste caso, há uma junção do político e social nesta concepção, mostrando que na visão do autor a escola não se compromete em garantir boa formação à população de classes baixas.

Vê-se então um deslocamento no posicionamento de leitores da página entre as postagens do dia 01/07/2017 e do dia 07/04/2019. Pelo comentário 1 da postagem do dia 01/07/2017 uma concepção de escola pública como lugar que deve preparar os alunos para a aprovação em vestibulares, o que nos leva a entender que há uma concepção de que a escola deva não promover educação e formação social mas sim fornecer meios para o aluno atingir somente um objetivo, a aprovação no vestibular. No comentário 2, deste mesmo dia, vê-se que o autor marca em seu dizer que não há um ensino de qualidade pela rede pública, porém

não marca predileção explícita pela escola particular, ao contrário dos outros comentários vistos. No comentário 1 do dia 07/04/2019 foi possível perceber que há um prestígio dado pelo autor às escolas particulares, além de a concepção que a escola pública não tem a mesma qualidade que as particulares, sendo então inferior, visto que a qualidade e o debate nela existentes seriam melhorados pelos estudantes vindos da escola privada. No comentário 2 notado que o autor diz que a migração de estudantes da escola privada para a pública melhoraria a performance desta, vê-se também a concepção de escola como um ambiente de interação mas que seria melhorado apenas pela migração destes alunos.

Ao pensarmos nestes comentários como enunciados vemos que eles são enunciados diferentes que compõem cadeias enunciativas que partem de um mesmo enunciado: a postagem da matéria no Facebook. Como vimos anteriormente, podem ter ocorrido diversos movimentos de leituras que compõem o elo entre esses enunciados. Tais enunciados contêm a valoração que cada sujeito autor tem da instituição escola; sabemos também que a entonação é a expressão valorativa de um sujeito em relação ao objeto/ situação sobre o qual se fala/ se vive. Ao retomarmos Volochínov (2013) vemos que a entonação necessita de palavras que lhe sejam correspondentes, o que justifica a análise de elementos linguísticos que compõem os comentários feito neste trabalho. Vimos então que os enunciados analisados partem de sujeitos que, ainda que tenham um discurso mais alinhado a diversidade, mantêm imagens cristalizadas sobre a escola que remetem a práticas culturais que correspondem a demandas tradicionalistas. Ainda que o autor não explicitasse que concebe a escolas em seu molde tradicional, o lugar da autoridade que fala (utilizando-se de deôntico) traz marcas deste lugar cristalizado.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar as concepções de escola mantidas por leitores comentaristas do portal de notícias El País Brasil no Facebook. Os comentários foram selecionados nas postagens da matéria intitulada *Estudantes de classe média vão à escola pública por economia e para sair da “bolha” social*, nas postagens do dia 01 de julho de 2017 e do dia 07 de abril de 2019.

Para tal análise, foi utilizado um referencial teórico para analisarmos o corpus que partiu da reflexão das relações do eu e do outro na e pela linguagem de Bakhtin e Volóchinov, perpassando os conceitos de enunciado e entonação. Para que se fosse possível analisar a relação entre forma composicional, estilo e tom foram também utilizados estudos sobre modalização.

Ao debruçar sobre o referencial teórico vimos que as relações humanas se dão na e pela linguagem e , segundo Bakhtin, o eu e o outro não se fundem, criando assim entre eles uma distância, chamada excedente de visão estética. Nesta relação, viu-se que o eu e pressupõe o outro, e que nosso conhecimento sobre nós e o mundo é construído sempre em relação a este outro.

Foi por este viés que chegou-se ao conceito de enunciado, que é de natureza responsiva; vem de outros enunciados , é moldado pela situação e pelo ambiente social e gera outros enunciados resposta. Ao refletirmos sobre como o enunciado é moldado pela situação , viu-se que esta situação obriga o enunciado a soar de um modo e não de outro, chegando ao conceito de tom. Segundo Bakhtin, tudo que tenha a ver comigo é dado em um tom volitivo-emocional pois tudo é me dado como um momento constituinte do evento no qual participo, ou seja, entramos em uma relação com tudo que nos cerca em um dado momento / espaço, e pelo motivo de estarmos sempre posicionados, estamos expressando nossa valoração acerca de um objeto; sendo esta valoração o tom.

No percurso teórico deste trabalho, também vimos que a vontade discursiva do falante é que determina a escolha do objeto, do gênero discursivo e suas escolhas lexicais, sintáticas e estilísticas, percebendo então que há uma relação entre a forma composicional e o estilo na formação da entonação. Neste sentido que chegamos ao conceito de modalização, que é a marca dada pelo sujeito em seu enunciado. Estas marcas funcionam como recurso que permite ao falante marcar seu engajamento com aquilo que é dito, o que pelo viés bakhtiniano, nos permite perceber o tom valorativo do sujeito em relação ao objeto de seu enunciado.

Ao analisar a postagem e seus comentários , percebeu-se que ocorreram diversos movimentos de leituras, o que mostra que aconteceram diversas cadeias enunciativas, que em nosso recorte, originaram da postagem do artigo pela página El País Brasil no Facebook. Durante a análise , foi observado que as concepções de escola correspondem à demandas tradicionalistas ainda que partissem de sujeitos que não marcassem explicitamente o prestígio dado às escolas particulares. Este posicionamento foi demonstrado pelo uso dos

modalizadores deônticos, que marcam um tom autoritário do sujeito que enuncia. Foi possível ainda perceber pelo tom dos comentários analisados uma apreciação negativa da escola pública, colocada como lugar que não fornece uma educação orientada a atingir objetivos pontuais, como ser aprovado em vestibulares e preparar para o mercado de trabalho. O que também está relacionado com concepções tradicionalistas e conservadoras sobre escola.

Por meio deste trabalho foi possível perceber que há uma articulação entre o linguístico e o enunciado, o que reforça a importância de não ignorarmos a reflexão linguística nos estudos discursivos e vice-versa.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **O Homem ao espelho. Apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

BAKHTIN, Mikhail M. Apontamentos de 1970-1971. **Estética da criação verbal**, 6.ed, 3.tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017a, p.367-392

BAKHTIN, Mikhail M Os gêneros do discurso. **Estética da criação verbal**, 6. ed,3 tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017b, p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail M. A forma espacial da personagem. **Estética da criação verbal**, 6. ed,3 tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017c, p. 21-90.

BAKHTIN, Mikhail M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. **Estética da criação verbal**, 6. ed,3 tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017d, p. 307-335.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução inédita [para fins didáticos] de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição americana Toward a Philosophy of the act, 1993.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

EL PAÍS BRASIL. **Estudantes de classe média vão à escola pública por economia e para sair da “bolha” social**. 01/07/2017 e 07/04/2019 Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elpaisbrasil/posts/?ref=page_internal Acesso em: 15/06/2020

GARCIA, Sarah S. A relação entre marcas de autoria e modalizadores: uma análise de textos acadêmicos, Lavras, MG. 2017.**Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Português/Inglês e suas Literaturas da Universidade Federal de Lavras**.

KOCH, Ingedore G. V. **A coesão textual**. Editora Contexto.22ª edição. 2012.

KOCH, Ingedore G. V.. **A inter-ação pela linguagem**. Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore G. V. ELIAS, V. M. **Argumentação e Linguagem**. 13ª edição. 2006.

PETRILLI, Susan et al. A Visão do Outro. Palavra e Imagem em Mikhail Bakhtin. **O Homem ao Espelho. Apontamentos dos anos 1940**, São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin N.; BAKHTIN, Mikhail M. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora, v. 34, p.91-102. 1929, 2017a.

VOLÓCHINOV, Valentin N. A interação discursiva. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora, v. 34, p.201-225. 1929, 2017 b.

VOLÓCHINOV, Valentin N. Tema e significação na língua. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora, v. 34, p.227-238. 1929, 2017 c.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. A construção da enunciação. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 157-188. 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. As mais recentes tendências do pensamento linguístico ocidental. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, p.101-130. 2013.